

Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos, 1944*

Ronaldo Machado*

De uma série de conferências sobre literatura brasileira que foram proferidas pelo escritor brasileiro (gaúcho) Érico Veríssimo (1905-1975) na Universidade da Califórnia-Berkeley, a convite do Departamento de Estado norte-americano, no ano de 1944, vou apresentar nesta comunicação algumas considerações pertinentes ao tema proposto para este encontro, destacando o papel que o escritor reivindicou para o Brasil no novo cenário que se desenhava no continente americano em meados da década de 1940. Publicadas em inglês em 1945, com o título de *Brazilian literature – an outline*, foram consideradas pelo próprio autor como um trabalho sem importância, tendo permanecido praticamente desconhecidas da crítica brasileira até sua tradução e publicação no Brasil, depois de exatos cinquenta anos da edição original.

Num contexto conturbado, marcado pela segunda guerra mundial, pelo autoritarismo do Estado Novo no Brasil e pela política da “boa-vizinhança” implementada pelo governo de Franklin Roosevelt para a América Latina, Érico Veríssimo situa para a platéia norte-americana a literatura brasileira como meio exemplar para o diálogo interamericano, pois por ela se revela a especificidade da identidade brasileira, cujo carácter “mestiço” e “mesclado”, bem representado por *Macunaima o herói sem nenhum caráter*, se mostraria como uma alternativa às relações assimétricas entre os Estados Unidos e o Brasil e, de modo geral, entre os Estados Unidos e a América latina. E falar sobre a mestiçagem como contributo significativo ao hemisfério, também significava incidir sobre questões nevrálgicas aos EUA de então, especificamente seu conflito racial intestino, comentado aparentemente de modo ocasional por Veríssimo: “*é por isso - diz ele em certo ponto de suas conferências - que sorrio quando ouço toda essa baboseira tola sobre pureza racial*”. (VERISSIMO, 1995: 19)

*

Esses anos de 1933 a 1945 representaram para a América Latina, em todas as esferas das relações continentais, sua inserção passiva na “política da boa vizinhança”, formulada e posta em prática pelos Estados Unidos, durante a segunda guerra mundial. Essa política significou a primeira resposta norte-americana ao nacionalismo econômico que se generaliza na América Latina, a partir das crises nacionais geradas pela depressão econômica, iniciada em 1929 com o *crack* da Bolsa de Nova York. Além disso, a diplomacia da boa vizinhança buscava realinhar as nações latino-americanas ao lado dos Estados Unidos, visando reduzir, eliminar ou controlar as relações que vinham mantendo com

* Texto apresentado no VI Encontro do “Brazilianisten-Gruppe in der ADLAF”, realizado em outubro de 2004, em Berlin.

* Doutorando em Literatura Comparada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil. Bolsista da Fundação CAPES no Lateinamerika-Institut der FU Berlin, sob orientação da Profa. Dra. Lígia Chiappini.

as potências extracontinentais de então - Alemanha e Itália, pois fascismo e nazismo pareciam de certo modo, vistos do outro lado do Atlântico, a história de sucesso da década. Segundo o historiador Eric Hobsbawm: “se havia um modelo no mundo a ser imitado por políticos promissores de um continente que sempre recebera inspiração das regiões culturalmente hegemônicas, esses líderes potenciais de países sempre à espreita da receita para tornar-se modernos, ricos e grandes, esse modelo certamente podia ser encontrado em Berlim e Roma, uma vez que Londres e Paris não mais ofereciam muita inspiração política, e Washington [até então] estava fora de ação. (Moscou ainda era vista essencialmente como um modelo para a revolução social, o que restringia seu apelo político)”. (HOBSBAWM, 1995: 137)

Com a entrada americana na guerra, o departamento de Estado norte-americano já estava convencido de que precisava proteger sua posição hegemônica no continente, pois o que estava em jogo era tanto sua segurança, como sua posição econômica. Para o governo norte-americano, ambas frentes - econômica e militar - deveriam ser salvaguardadas no contexto da solidariedade hemisférica. Assim, planejaram-se medidas de emergência e de longo prazo para ajudar a recuperação econômica dos países latino-americanos mediante a compra de seus produtos agrícolas e minerais, e promoção de programas no plano da educação, da cultura e da informação, o que significava objetivamente afastar de modo mais completo a presença econômica, política e cultural da Europa na América Latina.

Então, visando alinhá-la sob sua esfera de influência, o governo de Franklin Roosevelt, anunciou uma nova política externa. Deixando de lado a tradicional política do “big stick”, instituiu a política da “boa vizinhança”, fixada no princípio do “panamericanismo”, na idéia de uma comunidade americana de nações, na perspectiva de uma América como a terra da liberdade, o mundo novo, em oposição ao Velho mundo autoritário. Daí então, o Departamento de Estado patrocinou o intercâmbio de artistas, escritores, músicos, cineastas, etc., com os países da América Latina. Patrocinado por esse programa é que, por exemplo, Walt Disney criou o personagem *Zé Carioca*, o “amigo” brasileiro do *Pato Donald* no filme *Você já foi à Bahia?*, de 1944.

*

É nesse contexto que Érico Veríssimo chega aos Estados Unidos¹ e seu objetivo é mostrar que o Brasil pode contribuir no proposto diálogo panamericano, equilibrando o materialismo yanque com o “*caráter mais humano*” do brasileiro, pois – diz Veríssimo - *somos antes mágicos que lógicos. Somos poetas e não profetas. Entre palavras e idéias, aderimos às palavras e começamos a brincar cheios de alegria com elas. Somos um povo que prefere a paixão à razão.* (VERISSIMO,

¹ Assim foi noticiada a chegada de Verissimo nos Estados Unidos pela revista *Leitura*, Rio de Janeiro, n. 10, ano IV, set.1943, p. 3: “O romancista Érico Veríssimo já se encontra em Los Angeles, Estados Unidos, onde dará um curso de língua e literatura do Brasil. Falando à imprensa americana, disse o autor de “Caminhos Cruzados” que são praticamente ilimitadas as possibilidades de um intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos. Salientou a utilidade das traduções de livros americanos e brasileiros como um dos melhores instrumentos para uma mútua compreensão dos dois povos”.

1995: 58)

Segundo essa perspectiva é que Veríssimo vai apresentar a literatura brasileira para os estudantes da Universidade da Califórnia-Berkeley e aos leitores da obra que deixou lá publicada. Entende a literatura como meio eficaz de demonstrar e exemplificar a especificidade da identidade brasileira, buscando despertar a simpatia do público pelo - diz ele - *estofado de que nós brasileiros somos feitos*. A série literária nacional é abordada, então, não com uma ótica exclusivamente estética, mas como o produto cultural de uma complexa rede de relações, ou pelas palavras de Veríssimo, como a *chave para a alma de um país*.

E assim foi como apresentou sua primeira conferência: *“interpreto o interesse de vocês pela literatura brasileira como sendo resultado dum desejo de conhecer o Brasil e seu povo. Não me parece que a literatura brasileira seja coisa de importância universal, mas estou certo de que a melhor maneira de compreender uma nação é ler a obra de seus escritores. Hoje, mais que nunca, nós os americanos do norte, do centro e do sul, precisamos conhecer-nos melhor. O Brasil que vocês conhecem é um Brasil falsificado, feito em Hollywood, que em geral nos apresenta ou como um país de opereta, em que homenzinhos que vestem fraque, usam cavanhaque e gesticulam como doidos beijam na rua e em plena face outros homúnculos igualmente grotescos; ou então com os recursos do technicolor nos mostram como uma terra de mirabolantes maravilhas. Não somos nem ridículos nem sublimes. Na minha terra, como aqui, há de tudo. Neste meu curso - que será a negação do academicismo, do formalismo e de qualquer outro ismo - procurarei mostrar a vocês o estofado de que nós brasileiros somos feitos. Está claro que não fomos chamados a escolher os nossos próprios antepassados, nem o clima ou o aspecto físico do meio em que vivemos. Somos... o que somos.”* (VERISSIMO, 1995: 108)

Colocando em xeque a invenção estereotipada do país, vai questionando de modo diplomático – eis que convidado oficial – o discurso da “boa vizinhança”, naquilo que camuflava os interesses estratégicos de dominação, reivindicando uma negociação mais “justa”, por assim dizer, no conjunto das relações entre EUA e Brasil, visando, é claro, não sensibilizar o *establishment* político-econômico, mas os grupos acadêmicos a quem falava. Assim, pela apresentação da literatura brasileira busca despertar a simpatia da platéia, ou depois, do público leitor, pela *alma brasileira*, cuja essência, embora estranha e mal compreendida pelos norte-americanos, está com eles no *“mesmo barco, numa travessia muito incerta e tempestuosa, e o menos que podemos fazer com sabedoria é tentar compreender nossos companheiros de viagem”*. (VERISSIMO, 1995: 17)

Comparando os *“fatos da vida”* aos *“caprichos da alma”*, o autor busca nos mitos fundadores de uma brasilidade e no imaginário popular uma representação do Brasil e do brasileiro, que aponte, sobretudo, seu caráter pacifista e tolerante, valorizado no contexto da política da “boa vizinhança”: *“os brasileiros, diz Veríssimo, são, em geral, pessoas caracteristicamente simples. Claro que têm muitos defeitos, mas acredito que, quando tudo estiver dito e feito, se encontrará neles um resíduo de virtudes. Odeiam a guerra e a violência e não tem problemas de cor. São hospitaleiros e amáveis, mesmo quando sua natureza apaixonada os força a parecer intolerantes ou provocativos”*. (VERISSIMO, 1995: 153)

Matizando os três elementos do determinismo do XIX - raça, meio e momento – ainda presentes na crítica brasileira dos anos 40 do século passado, Veríssimo os reelabora junto à idéia emprestada de Vianna Moog, do Brasil como um “arquipélago cultural”, idéia esta que baliza o conjunto das suas conferências, especialmente pela imagem do país como uma “*colcha de retalhos*”², a partir da qual se esforça para apresentar a literatura nacional. Narra-a como um jogo permanente de ruptura e de consolidação, de advento e de triunfo, de antecedência e propagação de matérias heterogêneas - raças, linguagens, contrastes climáticos,... - que vão se amalgamar numa fecunda identidade brasileira, forjada no cadinho dos conflitos e cruzamentos raciais, sendo antropofágicas e mestiças a “*alma*” e a literatura do Brasil.

Veríssimo afirma que os sucessivos cruzamentos raciais efetuados no Brasil provocaram na linguagem e no comportamento social, na literatura e na arte, no regime político e nas práticas sociais, nos modos de vestir e habitar, nas técnicas e na imaginação, uma capacidade de combinação e estilização próprias, que redundaram no “estofado”, no “modo de ser” dos brasileiros. Assim, destaca e afirma positivamente a originalidade da conformação composta da sociedade brasileira, mestiça ou, “sem nenhum caráter”. Essa mestiçagem não é, entretanto, para Veríssimo uma característica totalizadora da identidade brasileira, mas sim um elemento a mais no amplo processo de consolidação da sociedade brasileira, híbrida e heterogênea, significativamente exemplificada pela imagem da “colcha de retalhos”, do “arquipélago” e por *Macunaíma, o herói de nossa gente, nascido no fundo do mato virgem*.

A rapsódia de Mário de Andrade, de 1928, é para Érico Veríssimo o livro paradigmático da maturidade da literatura brasileira, resultado de alta fatura do Modernismo de vinte. *Macunaíma* – justamente um livro que “não cabe em nenhuma classificação”, segundo o poeta e crítico Augusto Meyer - é o modelo expresso por Veríssimo para “temperar” o diálogo continental, pois fornece a imagem da produtividade sob a desordem aparente, da tolerância sob a heterogeneidade composta e sob a hibridez da nação brasileira e também, de certo modo, da América Latina. *Macunaíma* é – diz Veríssimo - “*a epítome de algumas das qualidades e defeitos de sua raça. É imaginativo, desinquieto, malicioso, sensual, cheio de truques, terno e bem-humorado*” (VERÍSSIMO, 1995: 119). Sem esconder as fraturas e contradições dessa identidade, antes as assumindo, Érico Veríssimo vai reivindicar atenção para a fecundidade desse caráter mestiço do “caráter brasileiro”, que sintetizando as diferenças as aceita como constitutivas da unidade nacional, da “colcha de

2 Cf. MOOG, Vianna. *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1943, p. 22: “Qual então o sistema interpretativo que mais se lhe ajusta? [ao estudo da literatura] Tenho para mim seja o de análise dos núcleos culturais cuja soma forma o complexo heterogêneo da chamada literatura brasileira. Fragmenta-se o Brasil em regiões onde predominem o mesmo clima, a mesma geografia, as mesmas formas de produção, e o problema ficará imediatamente simplificado. Lá onde esses fatores se conjuguem numa certa uniformidade pode ter-se a certeza de que se há de encontrar um núcleo cultural homogêneo e definido, formando como que uma unidade à parte no conjunto da literatura brasileira. Porque, sob este ângulo, apesar da continuidade do território, não constituímos um continente; somos antes um arquipélago cultural. Com muitas ilhas de cultura mais ou menos autônomas e diferenciadas.”

retalhos” de um país definido – positivamente - como o lugar do “*mais ou menos*”. (VERISSIMO, 1995: 16)

*

No balanço final do resultado de suas conferências, Veríssimo apresenta-se satisfeito por ter despertado a curiosidade e a simpatia dos norte-americanos pelo Brasil e pelos brasileiros: “*não acredito possa afirmar honestamente que meus alunos conheçam literatura brasileira. Em compensação, estou certo de que despertei neles não só o interesse e a curiosidade pelo Brasil, como também uma certa simpatia pelo nosso povo, nossos sonhos, pelo nosso jeito*”. (VERISSIMO, 1995: 197)

Ainda que a avaliação revele uma certa ingenuidade política, Érico Veríssimo, aceitando o convite e a pauta do diálogo interamericano, apresentou uma explicação do Brasil que evidenciava suas características plurais que se mostrava disjuntiva frente aos interesses hegemônicos do imperialismo econômico e cultural norte-americano subjacente à política da “boa-vizinhança”, a qual visava implantar, de fato, relações de dependência. Disse ele: “*não devemos imitar os Estados-Unidos; não precisamos nos transformar em fanáticos da Coca-Cola, do jazz e dum certo tipo de vida delirante que teve sua origem nos novecentos e vinte (um tipo de vida, devo repetir, que nem todos os norte-americanos levam...) Devemos aproveitar não só a amizade como também a experiência desta grande democracia e adaptá-la sabiamente às nossas necessidades, temperando-a de acordo com nossa maneira de ser. Penso que essa influência que nos entra pelo cinema, pelo rádio, pelos magazines é apenas uma influência de superfície. Não será por nos mandarem penicilina, máquinas, técnicos; não será por nos transmitirem seus conhecimentos científicos e industriais que os americanos vão mudar nossa maneira de ser, sentir, de viver*”. (VERISSIMO, 1947: 424)

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Mário de (1928). *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Texto estabelecido por Telê Porto Ancona Lopes. 20.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, 1984.
- BORDINI, Maria da Glória (1997). “Érico Veríssimo, historiador da literatura”. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*, Porto Alegre, v.3, n.1, p. 102-105.
- BORDINI, Maria da Glória (org.) (1997). *A Liberdade de Escrever: entrevistas de Érico Veríssimo sobre literatura e política*. Porto Alegre: Ed. da Universidade-UFRGS/EDIPUCRS/PMPA.
- BOSI, Alfredo (1994). *História concisa da literatura brasileira*. 40.ed. São Paulo: Cultrix.
- CHIAPPINI, Lúcia (2001). “Multiculturalismo e identidade nacional”. *Cult, revista brasileira de literatura*. São Paulo, ano V, n.46, p. 18-21.
- COUTINHO, Eduardo F. (2003). “Mestiçagem e multiculturalismo na construção da identidade cultural latino-americana”. In. _____. *Literatura comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, p. 41-57.
- FRESNOT, Daniel (1977). *O pensamento político de Érico Veríssimo*. Rio de Janeiro: Graal.

- HOBBSAWM, Eric (1995). *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2.ed. São Paulo: Cia. das Letras.
- IANNI, Octávio (1974). *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- IANNI, Octávio (1976). *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Vozes.
- MOURA, Gerson (1984). *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense.
- MOURA, Gerson (1990). *Estados Unidos e América Latina*. São Paulo: Contexto.
- VERISSIMO, Érico (1945). *Brazilian Literature - an Outline*. New York: MacMillan.
- VERISSIMO, Érico (1947). *A volta do Gato Preto*. 12. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.
- VERISSIMO, Érico (1974). *Solo de Clarineta: memórias*. Porto Alegre: Globo.
- VERISSIMO, Érico (1995). *Breve História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo.